

## CAVALOS-MARINHOS: GESTAÇÃO E MASCULINIDADES TRANS

Anne Alencar Monteiro

*Universidade Federal da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFBA/PPGA)*  
*alencar.anne@gmail.com*

### Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir os sentidos e significados que a gestação tem para os homens trans que engravidaram ou que estão passando pela experiência da gestação. A partir dos dados coletados na pesquisa de campo mostro como a gestação não deve ser compreendida como um fenômeno biológico restrito a feminilidade ou que possui uma associação direta com a maternidade, engravidar também faz parte do que é ser homem.

**Palavras-chave:** Homens trans, gravidez, masculinidades.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados parciais da atual pesquisa que venho desenvolvendo para compor a minha futura dissertação. O objetivo geral desta pesquisa é compreender, numa perspectiva antropológica, os sentidos, significados e relacionalidades produzidos a partir da gravidez gerada em um corpo transmasculino, seguindo a trilha aberta pelas autoras da abordagem conhecida como ‘novo parentesco’ (FONSECA, 2003). A proposta é investigar a constituição das parentalidades trans no Brasil, a partir da configuração familiar formada por homens trans que passaram ou estão passando pela experiência da gestação. Assim, a pesquisa visa contribuir sobretudo para o campo dos estudos de parentesco, incluindo o debate sobre a transmasculinidades e reprodução.

As principais perguntas que norteiam a pesquisa são: Quais são as especificidades do arranjo parental formado por homens trans que engravidaram? Quais os sentidos de maternidade/paternidade presentes nessa configuração familiar? O que é ser pai ou mãe na perspectiva de um homem trans grávido? Que tipo de relacionalidade é causada decorrente da gravidez de um homem trans? Em que medida os homens trans elaboram a reprodução a partir da articulação entre gravidez e a construção de um corpo masculino? Como esse corpo masculinizado dialoga com a possibilidade de engravidar? Quais as concepções de corpo e reprodução que os homens trans possuem? Existem diferenças entre o homem trans que engravidou antes da transição de gênero e o que engravidou depois da transição? Quais seriam essas diferenças dentro das relações de parentesco? Como os homens trans pensam a reprodução e a gravidez em seus corpos a partir das transformações corporais causadas pela reposição hormonal e pelas cirurgias? A pesquisa

visa contribuir para o campo dos estudos de parentesco na perspectiva dada pela conjunção das transmasculinidades e da reprodução. Procura investigar que a partir da reivindicação de uma masculinidade que é capaz de gestar e parir a uma (re)invenção de categorias de parentesco juntamente com a (re)invenção do corpo, o que abre espaço para diferentes conectividades no âmbito familiar, em que as categorias de parentesco não são fixas, são passíveis de transformações e estão em permanente tensão e negociação.

O que será apresentado neste texto é uma discussão inicial sobre os sentidos e significados que os homens trans dão a potência que há em seus corpos de gestar e parir com a construção de suas masculinidades. Inicialmente apresento um balanço teórico sobre os estudos sobre masculinidades e transmasculinidades e finalizo com as descrições dos dados de campo e com as análises e hipóteses levantadas.

## **2. MASCULINIDADES TRANS: UM BREVE BALANÇO TEÓRICO**

No Brasil, os estudos de gênero na antropologia iniciam-se nos anos de 1970 com as primeiras produções que abordavam as questões femininas e das mulheres e ao longo do tempo o campo foi sendo consolidado no país (GROSSI, 2010). Gradualmente, ao longo da década de 1980, o termo mulher, utilizado como uma categoria descritiva, foi sendo substituído pelo termo gênero como uma categoria analítica (SCOTT, 1989). Essa mudança colocou no centro os aspectos relacionais e culturais entre feminino e masculino e rejeitou o determinismo biológico presente nos termos sexo ou diferença sexual. Foi dentro desse contexto de gênero como uma categoria relacional que os homens passaram a ser investigados empiricamente (HEILBORN; SORJ, 1999). Não é de surpreender que no fim da década de 1980 iniciaram-se as produções sobre as masculinidades como objeto de estudo. Quando o conceito de gênero como categoria relacional é forjado pelas teorias feministas os estudos sobre masculinidades e sobre homens ganham maior ênfase como objeto de estudo (MEDRADRO; LYRA, 2008).

O conceito de masculinidade hegemônica, como descreve Connell (2013), foi cunhado nos fins da década de 1970 e surgiu a partir de pesquisas realizadas na Austrália. O conceito de masculinidade hegemônica com base em sua formulação inicial aponta para como determinados padrões de práticas masculinas culturais, históricas e sociais constituem-se enquanto hegemônicos. A masculinidade hegemônica, assim, se distingue de outras masculinidades, as masculinidades subordinadas ou subalternas, por isso não podemos pensar a masculinidade como algo homogêneo. Contudo, considerar um padrão de práticas masculinas como hegemônica não significa dizer que a

maioria dos homens a aderem. Considerando, por exemplo, um contexto mais amplo de uma circulação de modelos de conduta masculino que são exaltados pela mídia, pela igreja e pelo estado tais modelos se referem as realidades cotidianas da prática social, mas que não necessariamente corresponda a vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos são utilizados como parâmetro para as relações cotidianas. É nesse sentido que a masculinidade hegemônica é normativa, ou seja, “ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.” (CONNELL, 2013, p.245). Falar de masculinidades também é pensar sobre a existência da dominação masculina como uma forma de violência simbólica que opera, sobretudo, através da naturalização das diferenças corporais biológicas entre homens e mulheres, o que acaba escondendo seu caráter histórico e social dessa dominação (BOURDIEU, 2003).

Assim, o que pretendo frisar aqui é que o conceito de masculinidade hegemônica nos permite pensar em múltiplas masculinidades. Segundo Almeida (2005), os estudos sobre masculinidades devem incluir a vertente “[...] da orientação sexual, uma vez que o trinômio heterossexualidade/homossexualidade/bissexualidade constitui desde logo o fermento de diferentes masculinidades [...], organizadas em sistemas tensos de hegemonia/subalternidade” (ALMEIDA, 2005, p. 122), criando assim hierarquias de poder entre homens heterossexuais e gays. Acrescento na perspectiva do autor a vertente da transgeneridade que também pode constituir o “fermento de diferentes masculinidades” a partir da emergência das identidades transmasculinas. Assim, a masculinidade não é exclusividade da cisgêneridade.

A transgeneridade enquanto um fenômeno social é marcada por “uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas [hegemônicas] de gênero.” (BENTO, 2008, p. 18). Tais normas estão baseadas em uma matriz heterossexual que “delimita os padrões a serem seguidos, e ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem.” (LOURO 2008, p.17). As transmasculinidades brasileiras são múltiplas e oscilam entre masculinidades hegemônicas e masculinidades subalternas. As transmasculinidades são marcadas por tensões e contradições que refletem nas relações entre os próprios transhomens, construindo relações por vezes hierárquicas. Ávila (2014) pontua que embora a trans-experiência seja individual, ela se constrói e são produzidas coletivamente, marcadas pelo contexto da vida social nos quais os homens trans estão inseridos. Com base em sua pesquisa ela afirma que não há

um modelo universal de transmasculinidade, elas são sempre maleáveis e estão em constante produção. Nas palavras da autora:

[...] as transmasculinidades brasileiras podem ser masculinidades alternativas, mesmo estando incluídas em práticas de dominação, subordinação e marginalização. As transmasculinidades, ao produzirem uma masculinidade sem pênis, podem ser tomadas como um desestabilizador de masculinidades hegemônicas. Rejeitando a arbitrariedade do sexo e do gênero e questionando a certeza de sermos homens e mulheres. (ÁVILA, 2014, p. 227).

Rego (2014) observa que os homens trans acionam diversas tecnologias para a construção de suas masculinidades e aprofunda sua análise na hipertrofia muscular. A experiência da musculação possibilita mostrar a incorporação da masculinidade como sensação através do corpo, possibilita perceber a materialidade corporal de uma definição social: a masculinidade. A musculação pode ser vista como uma cirurgia simbólica, ela possui uma eficácia discursiva que é produzida no corpo e que produz força, virilidade e masculinidade. Assim, a hipertrofia muscular pode ser vista como expressão da masculinidade, como uma tecnologia de gênero que, na experiência trans masculina, produz discursos que possibilitam a masculinidade e um distanciamento drástico da feminilidade. Já Lima (2014) analisa o processo de hormonização em homens trans que fazem uso de fármacos a base de testosterona. Segundo a autora “a todo instante os homens transexuais se reinventam nas suas formas de ser homem e de construir suas masculinidades.” (LIMA, 2014, p.15). É nesse processo de reinvenção que as práticas de hormonização podem ser vistas como práticas subversivas e de resistências ao mesmo tempo que produzem processos de assujeitamentos e de controle no uso de medicamentos e da organização da vida com base na medicalização. A autora conclui seu trabalho afirmando que é preciso trazer para dentro das discussões sobre biopolítica a potência dos corpos e suas singularidades, uma vez que é dentro dos dispositivos de controle que se produzem as resistências.

As masculinidades trans é um fenômeno social heterogêneo em que as experiências corporais são variadas. Assim, há a possibilidade de alguns homens trans engravidarem, principalmente aqueles que não se submeteram à histerectomia<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Procedimento cirúrgico de retirada do útero, que também pode incluir a retirada de trompas e ovários.

### 3. O TRABALHO DE CAMPO

Homens trans são pessoas que foram inicialmente assignadas como “mulheres” ao nascer, mas que, no curso de sua constituição como sujeitos, se opuseram a essa determinação (ALMEIDA, 2012). No grupo de homens trans que acompanho são utilizadas várias nomenclaturas: transhomem, transman, FTM (sigla original do inglês *female-to-male*), transexual masculino, homem transexual. Não há um consenso na utilização desses termos, contudo o termo utilizado com mais frequência pelos informantes dessa pesquisa é homem trans, por isso o utilizo na construção desse texto. Além disso, é utilizado outros termos como cisgênero ou simplesmente cis que são as pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi determinado ao nascer (JESUS, 2012).

Há diferentes formas de modificações corporais feitas pelos homens trans a fim de masculinizar seus corpos. Essas formas variam desde a utilização de roupas ou acessórios visto como “masculinos”, a utilização do binder, que é uma faixa ou colete feita com tecido elástico que tem a função de comprimir e esconder os seios, o packer é uma prótese em formato de pênis que podem ser utilizadas para fazer volume na roupa, para urinar em pé e para fazer sexo. O pump é uma “bomba de sucção” que pode ser feita retirando a parte do bico de uma seringa e serve para estimular o crescimento do clote (nome dado por alguns homens trans ao clitóris). São utilizados fármacos a base de testosterona (principalmente Deposteron, Durateston, Nebido e AndroGel) com o objetivo de provocar o crescimento da barba, engrossar a voz, redistribuir a massa corporal e interromper aquilo que alguns homens trans chamam de monstuação (neologismo das palavras monstro e menstruação). Nesse sentido, a testosterona é utilizada também como uma forma de contraceptivo. São realizadas algumas intervenções cirúrgicas. A mamoplastia masculinizadora - cirurgia plástica de masculinização das mamas - é a mais desejada e a mais realizada entre os homens trans. Nem todos os homens trans desejam ou possuem possibilidades de realizar essas modificações corporais, mas existem possibilidades comuns que são diariamente compartilhadas e discutidas entre eles. Há várias formas dos homens trans vivenciarem a sua sexualidade. Eles se identificam enquanto gays, heteros, bissexuais, pansexuais, eles se relacionam afetivo e sexualmente com mulheres trans e mulheres cis, com homens cis e com outros homens trans. Assim, homens trans podem engravidar na medida em que não realizaram a histerectomia, não usam testosterona ou que interromperam a reposição hormonal por algum motivo, pelos que não utilizam nenhuma forma de contraceptivo e pelos que desejam.

O estudo vem sendo realizado a partir de uma metodologia qualitativa com base na realização de entrevistas do tipo semiestruturadas e individuais, conjugada com a exploração em sites e nas

redes sociais como Facebook e através da observação participante em eventos, rodas de conversas ou outros espaços de sociabilização que envolvam a participação de homens trans na cidade de Salvador. Os principais eventos e palestras na cidade são organizados pelo coletivo político de resistência Trans e Travesti denominado “De Trans Pra Frente”. A escolha em acompanhar as atividades realizadas por esse coletivo se dá pelo fato dele ser composto em sua maioria por homens trans.

O grupo de homens trans é bem espalhado geograficamente pelo Brasil. É nas cidades de Salvador e Feira de Santana em que tenho tido mais contato com essas pessoas. Através de grupos voltados para pessoas trans no *Facebook* eu pude ampliar meu contato extrapolando os limites geográficos, permitindo entrar em contato com homens trans grávidos ou que engravidaram de vários estado do Brasil (Figura 01).

**Figura 01:** Tabela de homens trans que engravidaram distribuídos por localidade

<b>Nome<sup>2</sup></b>	<b>Localidade</b>
Vitor	Bahia/Salvador
Pedro	Bahia/Feira de Santana
Marcelo	Bahia/Feira de Santana
Claudio	São Paulo
João	São Paulo
Leonardo	São Paulo
Lucas	São Paulo
Beto	São Paulo
Israel	São Paulo
Murilo	São Paulo
José	Brasília
Leandro	Brasília
Breno	Rio Grande do Sul
Hugo	Rio de Janeiro
Felipe	Espírito Santo
Carlos	Paraíba/João Pessoa

O *Facebook* e *Whatsapp* são mídias sociais que podem ser acessadas através do computador ou celular. Elas permitem ter conversas coletivas ou conversas privadas, permitem o compartilhamento de fotos, conversas por áudio, por vídeo ou por escrito. A praticidade de seu uso e a possibilidade de estar conectado o tempo todo através do celular me permite ter uma imersão completa nesse espaço. Mesmo aqueles homens trans que tenho a possibilidade de um contato off-

<sup>2</sup> Por questões éticas os nomes são fictícios a fim de resguardar o anonimato dos colaboradores da pesquisa.

line isso não exclui a nossa interação pela internet. É praticamente impossível separar o on-line e off-line, eles se complementam e fazem referência um ao outro o tempo inteiro. A partir das minhas observações percebo que a internet, principalmente o *Facebook* e o *Youtube* são espaços importantes para a autoidentificação dos homens trans. Descobrir, através da internet, que existem pessoas que compartilham as mesmas coisas que você e que existe uma comunidade maior na qual você se identifica é um percurso comum que eu ouço com certa frequência entre os homens trans. É possível encontrar vários vídeos no *Youtube* em que eles mostram suas mudanças corporais. Mais do que um corpo em frente às câmeras, esses vídeos possuem um caráter pedagógico fundamental no processo de transição, que serve de exemplo para outros homens trans mais novos. Assim, os homens trans possuem uma autonomia corporal online, em que o ciberespaço funciona como um lugar em que múltiplas pedagogias trans são compartilhadas (CAMPBELL, 2017).

Enfim, é na intersecção desses dois espaços (on-line e off-line) e juntamente com a realização das entrevistas semiestruturadas que venho desenvolvendo esse estudo. Sigo agora para explicitar os primeiros passos de análise e sistematização dos dados.

#### **4. CAVALOS-MARINHOS: HOMENS TRANS GRÁVIDOS**

Por vezes, tenho escutado diversos relatos dos homens trans que contam sobre a dificuldade e o preconceito que sofrem dentro da própria comunidade de homens trans e da comunidade LGBT como um todo pelo fato de terem engravidado. O que tenho observado é que os homens trans que engravidaram, ou até mesmo os que não gestaram, afirmam que é sim possível um homem engravidar. Peçanha (2015) afirma que um tipo de corpo que caracteriza a gravidez é sempre associado a tudo aquilo que é feminino. Mas, homens trans tem a possibilidade de engravidar e essa gravidez não é representada como algo contrário do que é ser homem.

A associação entre gravidez e masculinidade, feita pelos homens trans, é presente na metáfora do cavalo-marinho. Há um canal no *Youtube* intitulado Cavalos-marinhos<sup>3</sup> voltado para discutir questões que perpassam a vida cotidiana dos homens trans que foi idealizado por dois homens trans que residem em São Paulo. Segundo eles, o cavalo-marinho é uma espécie em que o macho “engravidar”, ele carrega os ovos fecundados em uma “bolsa” protetora em sua barriga e depois dá à luz a seus filhotes e mesmo assim são os machos de sua espécie. Assim, para os homens trans a gravidez pode ser uma possibilidade de constituir suas masculinidades.

---

<sup>3</sup> Fonte: <<https://www.youtube.com/channel/UCvzq0gMa96qxMpkxWXYVVRA>> Acesso em: 01 Set 2017.

Ser um homem trans e estar grávido certamente não é uma tarefa fácil, muitos dos relatos que tenho lido e escutado sobre a experiência de estar grávido gera dúvidas, incertezas de como criar os filhos, medo de como os outros vão tratá-los. Essa experiência é compartilhada em grupos fechados no *Facebook*, esse espaço funciona como uma possibilidade de trocar experiências com os pares e desabafar sobre situações de Transfobia. Claudio é um homem trans e quando nos conhecemos ele estava com três meses de gestação, nós conversamos sobre essa experiência. Claudio relata essa experiência a partir de muitas incertezas e de preconceitos vividos por ele. Ao descrever como é para ele ser um homem trans e estar grávido ele conta que, dentre outras coisas, o fato dele ter gestado o filho não significa que ele não é homem ou que ele é menos homem. É a partir disso, que os homens trans com os quais eu tenho dialogado dão sentido a potência que há em seus corpos de gestar e parir com suas masculinidades.

A potência que há nos corpos transmasculinos de gestar não é vista como algo que negue a masculinidade do homens trans, mas eles (re)significam isso a partir das suas vivências e experiências transmasculinas. Nesse sentido, a gravidez é pensada dentro de um contexto que envolve relações de poder, relações de gênero, em que o processo reprodutivo é um importante elemento que conecta as pessoas em diferentes espaços e entre diversos sujeitos sociais (REZENDE, 2015). A gestação aqui pode qualificar também a masculinidade que é vivenciada por esses homens trans. Assim, a possibilidade de uma gestação paterna posta pelos homens trans grávidos, desestabiliza a gravidez como atributo exclusivo que compõe o feminino e a feminilidade. O fato é que há corpos que gestam, mas esses corpos não devem ser naturalizados enquanto corpos femininos. Engravidar também faz parte do que é ser homem.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.513-523, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em: 26 mar. 2013.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Masculinidade. In: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005. p. 122-123.
- ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 14-67.
- CAMPBELL, Baird. **Learning to be Trans on YouTube**. 2017. Disponível em: <<http://blog.castac.org/2017/02/trans-on-youtube/>>. Acesso em: 09 maio 2017.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.241-274, jan. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 03 maio 2015.
- FONSECA, Claudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p.05-31, jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15356>>. Acesso em: 27 set. 2015.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero, sexualidade e reprodução. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 293-340.
- HEILBORN, Maria Luíza. Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p. 93-126.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2. ed. Brasília: E-book, 2012. Disponível em: <<http://www.sertao.ufg.br>>. Acesso em: 23 set. 2016.
- LIMA, Fátima. Biotecnologias, modos de subjetivação e práticas de si nos processos de hormonização entre homens transexuais. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29º, 2014, Natal. **Anais**. Natal: ABA, 2014. p.01-18.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. **Ressignificar e empoderar o corpo:** Homem trans grávido e os desafios da adequação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO O GÊNERO, 2., 2015, Salvador. Anais. Salvador: UFBA, 2015. p. 1 - 5.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais:** masculinidades e ética antropológica. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29º, 2014, Natal. Anais. Natal: ABA, 2014. p.01-20.

REZENDE, Patrícia de Souza. **A reprodução enquanto um processo biossocial:** estudo etnográfico em uma vila do baixo-sul baiano. 2015. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Pública, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SCOTT, Joan. **Gender:** a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.